

## Quase idênticos

Felipe Quérette

Da janela do meu quarto também sou capaz de vez dois prédios idênticos em construção (trata-se das torres levantadas pela Moura Dubeux no bairro de São José). Em uma manhã qualquer deste ano não resisti à idéia de fotografá-los, e foi com certo sentimento de identificação que encarei primeiramente o que Gil Vicente propunha para a **Mostra Catálogo 2ptos**. Gil Vicente fotografa dois prédios que ele é capaz de ver da varanda de sua própria casa. São elementos presentes em sua vida, parte de sua paisagem pessoal, e por mais impessoal que sejam em sua condição de prédios, revelam também este componente afetivo.

É de um conjunto de centenas de fotografias que Gil Vicente seleciona as que são expostas no Catálogo, algumas imagens iniciais e outras através de um jogo. Neste último, o olhar quase obsessivo do mesmo objeto se revela na repetição de imagens quase iguais, forçadas a serem vistas como distintas devido às condições do jogo de memória – jogado aqui a partir da lembrança de diferenças mínimas.

Gil Vicente é uma artista cujo trabalho apresenta uma tradição de desenho (em nanquim ou carvão) e de figuras humanas. Na presente obra, no entanto, ele nos oferece edifícios em fotografias. Primeiramente, é curioso ver no cinzento dessas imagens fotográficas uma continuidade com a grande parte do conjunto de sua obra constituída de desenhos: as imagens mantêm algo do aspecto nebuloso e sombrio que tanto caracteriza o negrume de suas telas, mostrado aqui em um outro suporte.

A outra característica que se evidencia é a relação do artista com as circunstâncias da obra. Do mesmo modo como Gil Vicente não diversifica muito no uso de materiais e explora o que pode ser tirado apenas do carvão e do nanquim – por acreditar, como ele mesmo diz, que através da insistência e da economia ele consegue ir mais fundo – podemos ver em *Memória das Diferenças* algumas restrições auto-impostas aliadas às delimitações do espaço de exposição, e o artista experimenta a partir daí. O ponto de observação é sempre o mesmo (a varanda de sua casa) e apesar da plasticidade

interessante dessas fotos, talvez a dimensão que dê mais força seja justamente o ato compulsivo de fotografar o mesmo objeto *over and over* como ele fez – em dias diferentes, durante um longo período de tempo, e encontrando diversas imagens tão iguais como essas. De certo modo, Gil Vicente partilha conosco as sutis mudanças naquela sua paisagem pessoal no dia-a-dia, as diferentes cores do céu da sua varanda, indícios da história por trás daquela obra.

Voltando à questão das circunstâncias, Gil Vicente experimenta sobre as possibilidades do espaço de exposição na web. Podemos logo perceber a decisão de trabalhar com fotografias digitais já que o meio de exibição é digital. Percebendo ou não a possível perda de força que um desenho sofreria ao mudar de mídia (algo já abordado no âmbito desta mesma Mostra), ele, que já oferecia um jogo de memória em seu **Erro! A referência de hyperlink não é válida.**, prossegue sobre essa idéia e traz para a **Mostra Catálogo 2ptos** uma obra bem distinta das outras já expostas. O jogo de memória pressupõe uma forma de interação bem fácil de ser alcançada no suporte digital, e assim, o clique e os movimentos do mouse são integrados na relação do espectador com a obra. Geralmente tradicional em suas escolhas, Gil Vicente experimentou com as condições e, talvez sem querer, esticou as fronteiras deste espaço, de modo que a própria galeria, o 2ptos, se modificou em função de sua obra para poder acolhê-la sem perda de qualidade.

As questões que caracterizam a relação com a obra vão além do apelo natural que o ludismo oferece. O espectador/jogador se frustra ao perceber que as diferenças nas imagens são mínimas. Ao mesmo tempo que é um *game designer* cruel, o artista nos convida (ou nos força, caso queiramos terminar o jogo) a dedicar um tipo específico de olhar, um olhar mais atento e mais meticuloso sobre aquelas imagens. Vemos os prédios, vemos as diferenças, as mudanças que a mesma paisagem sofre. Encaramos cada imagem duas vezes, como se vissemos diversos pares de gêmeos idênticos. Quadrigêmeos, dado que os edifícios já eram dois. Quarenta irmãos se contarmos todos. E podemos ir adiante. Os edifícios em construção, com seus véus esvoaçantes diante de céus azuis ou tempestuosos talvez não sejam tão diferentes assim das pessoas melancólicas ou atormentadas que figuram na obra daquele artista.

Felipe Quérette é designer gráfico.